

As influências do positivismo e do higienismo nos primórdios da Educação Física Brasileira e na Ginástica Nacional Brasileira (capoeira)

The influences of positivism and hygienism in the first stages of Brazilian Physical Education and in Brazilian National Gymnastics (capoeira)

Las influencias del positivismo y del higienismo en las primeras etapas de la Educación Física Brasileña y en la Gimnástica Nacional Brasileña (capoeira)

*Sergio Luiz de Souza Vieira**

RESUMO: Este trabalho analisa as influências dos pensamentos filosóficos do positivismo e do higienismo nos primórdios da Educação Física e da Capoeira no Brasil. Trata-se do resultado de uma pesquisa histórica baseada em fontes primárias. Os parâmetros metodológicos tiveram como referencial analítico os estudos de documentos encontrados em arquivos públicos, bem como de levantamentos bibliográficos e estudos correlacionais. Tem como objetivo aprofundar conhecimentos a respeito de fatos que transcorreram em nossa história recente com repercussão no atual modo de vida, fatos que passam despercebidos. Ao final apresenta os eixos organizacionais da Ginástica Nacional (Capoeira) e seu contexto.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física/história/Brasil. Capoeira. Filosofia.

ABSTRACT: This work analyzes the influences of the philosophical doctrines of positivism and hygienism in the first stages of Physical Education and Capoeira in Brazil. The work is the result of a historical research based on primary sources. The methodological parameters had as an analytical referential documental studies found in public archives, as well as bibliographical surveys and correlation studies. It has as a goal to deepen knowledge regarding facts that happened in our recent history, and had bequeathed us our current way of life, facts that normally go unnoticed. To this end it presents the organizational axes of Brazilian National Gymnastics (Capoeira) and its context.

KEYWORDS: Physical Education/history/Brazil. Capoeira. Philosophie.

RESUMEN: Este trabajo analiza las influencias de las doctrinas filosóficas del positivismo y del higienismo en las primeras etapas de la educación física y de la Capoeira en el Brasil. El trabajo es el resultado de una investigación histórica basada en fuentes primarias. Los parámetros metodológicos han tenido como referencial analítico estudios documentales encontrados en archivos públicos, así bien estudios bibliográficos y de correlación. Tiene como meta profundizar el conocimiento respecto a hechos que sucedieron en nuestra historia reciente, y nos han legado nuestra manera de vida actual, hechos que van normalmente inadvertidos. Con este fin presenta los ejes de organización de la gimnástica nacional brasileña (Capoeira) y de su contexto.

PALABRAS LLAVE: Educación Física/historia/Brasil. Capoeira. Filosofía.

Introdução

A Capoeira, uma das manifestações culturais mais importantes do nosso país, surgiu do encontro das culturas do índio, do negro e do português. Fruto de matrizes culturais inferiorizadas, acabou por se tornar um dos principais símbolos da nossa nação. Hoje, com

a dimensão social e transnacional que tomou, seguramente, não será nenhuma heresia afirmar que o berimbau se constitui num dos principais símbolos de venda da imagem do Brasil, não só no exterior, mas também em território nacional.

Submetida a um constante processo civilizador, tornou-se uma modalidade esportiva. Ao longo

deste mesmo processo, foi organizada a Educação Física Brasileira. A inserção de uma Ginástica Nacional em outros países, como a França, Alemanha, Suécia e Dinamarca entre outros, teve como propósito a melhoria das condições de saúde de seus povos. Aqui no Brasil, a condução deste processo se deu com base nos fundamentos

* Pós-Doutor em Administração – FEA/USP. Mestre e Doutor em Antropologia – PUC/SP. Professor de Educação Física – FIG Docente dos Cursos de Filosofia, Educação Física e Medicina – USC. E-mail: profsergiovieira@gmail.com

filosóficos positivistas e higienistas, os quais se enveredaram para a discriminação ética e cultural, cujos ideais se encontram incrustados até hoje na Bandeira do Brasil, representados pelo lema positivista da Ordem e do Progresso, bem como pela esfera azul estrelada que nela se encontra.

Neste artigo, discutiremos os meandros de como se deram tais aspectos, as repressões, acomodações e estratégias de seus atores sociais. Discute-se, portanto, as raízes do pensamento da Saúde no Brasil e seus atores sociais. Em meio a esta turbulência, as questões da mestiçagem e os ideais de formação dos Estados Nacionais emergiam nos debates intelectuais em diversas partes do mundo.

A Capoeira é componente deste mesmo processo, uma vez que aglutinou atores sociais que viveram intensamente este processo, independentemente de seus partidismos, o que doravante será tratado. Por sua vez, a Educação Física, cooptada em sua inserção no Brasil, é atrelada aos mais diversos interesses do Estado Nacional, ora apropriada por médicos sanitaristas, ora por políticos populistas, cujos interesses eram bem diferentes de suas congêneres em outros países.

Da inserção social da capoeira e a questão da mestiçagem

Existem controvérsias sobre a origem do vocábulo Capoeira e sobre sua primeira citação na Língua

Portuguesa. Conseguimos localizar como seu mais antigo registro, o do Padre Fernão Cardim (SJ) na obra: *Do Clima e da Terra do Brasil*, editada em 1577, em que se destaca o texto: “Ao lomgo de huma rossa que Frco. Frz., feitor da dita casa tem derrubado, saindo as capoeiras que foram de Anto. Frz.” (Anais da Biblioteca Nacional, 1962, p. 62).

Com o advento das invasões holandesas na Bahia e em Pernambuco, no século XVII, principalmente a partir de 1640, houve uma desorganização generalizada no litoral brasileiro, permitindo que muitos escravos fugissem para o interior do país, estabelecendo-se em centenas de quilombos, tendo como conseqüência o contato ora amistoso, ora hostil, entre africanos e indígenas. Tende-se a acreditar que o vocábulo, de origem indígena Tupi, tenha servido para designar negros quilombolas como “negros das capoeiras”, posteriormente, como “negros capoeiras” e finalmente apenas como “capoeiras”. Cabe ressaltar que nunca houve nenhum registro da Capoeira em qualquer quilombo. Sendo assim, aquilo que antes etimologicamente designava “mato” passou a designar “pessoas” e as atividades destas pessoas, “capoeiragem”.

Não há, desta forma, nenhuma relação entre o significado deste vocábulo, na sua acepção original ou a obtida nos movimentos quilombolas, com sua forma enquanto “Luta”, cuja mais antiga citação nos foi fornecida por Hermeto Lima, ao nos afirmar que “segundo

os melhores cronistas, data a capoeiragem de 1770, quando para cá andou o Vice-Rei Marques do Lavradio. Dizem eles também que o primeiro capoeira foi um tenente chamado João Moreira, homem rixento, motivo porque o povo lhe apelidou de ‘amotinado’. Viam os negros escravos como o ‘amotinado’ se defendia quando era atacado por 4 ou 5 homens, e aprenderam seus movimentos, aperfeiçoando-os e desdobrando-os em outros, dando a cada um o seu nome próprio. Como não dispunham de armas para sua defesa uma vez atacados por numeroso grupo, defendiam-se por meio da ‘capoeiragem’, não raro deixando estendidos por uma cabeçada ou uma rasteira, dois ou três de seus perseguidores” (Lima, 1025)¹.

Este texto de Hermeto Lima se alinha com o de Macedo, que nos afirma que “o Tenente ‘Amotinado’ era de prodigiosa força, de ânimo inflamável, e talvez o mais antigo capoeira do Rio de Janeiro, jogando perfeitamente, a espada, a faca, o pau e ainda de preferência, a cabeçada e os golpes com os pés” (Macedo, 1878, p. 99).

Ao longo do Império, tivemos 12 Decisões (Resoluções) e Posturas que proibiram a prática da Capoeira. Em 1.830, apareceu a primeira codificação penal brasileira, que recebeu o nome de Código Criminal do Império do Brasil. Não se referia ao capoeira, especialmente, mas como socialmente o mesmo era considerado um vadio, sem profissão definida, implicitamente

1. Este fato nos intrigou profundamente, a ponto de buscarmos esclarecimentos sobre a pessoa deste Tenente João Moreira, português de nascimento e branco. Lima nos narra a passagem Vice-Rei D. Luís de Almeida Soares e Portugal de Alarcam Eça e Melo Silva e Mascarenhas (1729-1790), 2º Marquês do Lavradio e 5º Conde de Avintes, pelo Rio de Janeiro. O título de Vice-Rei, que era equivalente ao de governador, havia sido exercido no Brasil também por seu pai, D. Antonio de Almeida Soares, entre 1760 e 1763, o qual também exerceu este cargo em Angola, de 1749 a 1754. Acredita-se que de lá tenha ido para Macau, na China, de onde veio para o Brasil. Em relação ao Marquês, Dom Luís, conseguimos descobrir, junto ao Instituto Camões, na Casa de Portugal, em São Paulo, que o mesmo havia sido designado na função de Vice-Rei, no dia 20 de setembro de 1769, quando se encontrava em Macau, exercendo-a no Rio de Janeiro até 1779, quando retornou para Macau. No tocante ao Tenente João Moreira, descobrimos que do Regimento de Milícias, uma tropa de elite do Rei, designada a serviços de guardas especiais. Isto nos fornece indícios para uma futura pesquisa sobre a influência dos chineses na formação da Capoeira, posto que na Cidade de Macau existiam Artes Marciais milenares na Ásia, das quais poderia ter este Tenente aprendido em suas andanças e o trazido para o Brasil. Esta hipótese, objeto de maiores estudos, nos aponta para o fato de que a Capoeira seja resultante de um processo multicultural muito mais amplo do que imaginamos. Cabe ressaltar que a presença dos chineses em Portugal e no Brasil foi intensa entre 1500 e 1800, período em que exerciam trabalhos no cultivo do chá, na construção naval, no comércio da seda e da porcelana, no artesanato, como artesãos do barroco, na arquitetura e a na culinária, em locais inclusive coincidentes com o uso da mão-de-obra africana. Este fato foi documentado por Rugendas em *Viagem Pitoresca Através do Brasil*, na gravura: Plantação de Chá pelos Chineses no Jardim Botânico, do Rio de Janeiro.

estava enquadrado no Capítulo IV: Dos Vadios e Mendigos, e também por andar em grupos, estava sujeito aos tratos do Capítulo III: Dos Ajuntamentos Ilícitos.

A mestiçagem colocava em questão a formação do caráter nacional brasileiro, a partir de um conjunto de características herdadas principalmente de duas de suas matrizes étnicas: a africana e a indígena. A miscigenação se constituía num problema grave, praticamente insolúvel, gerador de um grande pessimismo em relação ao futuro da nação e do povo.

O mundo ocidental estava envoltos nas fundamentações teóricas sobre a formação do “Estado Nacional”. Esta discussão permeava o pensamento de muitos intelectuais na Europa e nas Américas, a exemplo de Vacher de Lapouge sobre a América Latina: “eles chegam ao mundo muito tarde, e a raça em si mesmo é muito inferior. O México, onde o elemento indígena a absorveu completamente, e o Brasil, imenso estado negro, que retornou à barbárie, são os dois únicos de uma importância numérica séria” (Góis Jr, 2000, p. 71).

O discurso da homogeneização étnica ecoaria em muitos intelectuais pertencentes aos setores dominantes. Algo deveria ser feito para alterar os efeitos deste determinismo biológico, considerado por muitos como altamente desfavorável para o Brasil. “A raça era uma discussão muito difundida neste recorte histórico. Todos estavam preocupados com uma raça que desenvolvesse o país e garantisse a formação de Estado Nacional. A idéia do Estado Nacional defendia uma unidade de território, etnicidade e língua, que na época eram uns

dos principais definidores da nação e do povo. Sem estes pressupostos, o Brasil não se formaria como nação” (Góis Jr, 2000, p. 71).

No que tangia aos africanos e seus descendentes, no entanto, havia um sentimento de gratidão à Monarquia, além do entendimento de que o Movimento Republicano era gerado e sustentado por aqueles que se beneficiavam com a escravidão e que passaram a se posicionar contrários a Monarquia.

Ao final do século XIX, em 15 de novembro de 1889, dezoito meses após a abolição da escravatura, tivemos a queda da Monarquia e a Proclamação da República e, com ela, para surpresa dos iluministas, ascenderam ao poder os positivistas da ala conservadora do Exército Brasileiro. Assim, inspirada sob o lema positivista da “Ordem e Progresso” e da assim considerada “mãe das ciências”, a Astronomia,² nasceu a República dos Estados Unidos do Brasil. O povo apenas assistia a tudo.

Aqueles capoeiristas que habitavam o mundo do crime³, ainda que como estratégia de sobrevivência, continuavam a dar grande trabalho para a Polícia. A Cidade do Rio de Janeiro, naquela época, era a capital do Brasil, e como tal, um cartão de visitas, que não poderia ser maculado pelo crime e pela delinquência dos capoeiristas. Este processo civilizador que se instaurava no país era, na realidade, um projeto de construção de um país branco, ocidental, cristão, de valores europeus, de grande recusa de sua matriz africana e, no que nos é concernente, de domesticação da Capoeira.

Entraria em cena um outro capoeirista, chamado Sampaio Ferraz, nomeado como o primeiro chefe de

polícia da novel República, o qual recebeu a incumbência de eliminar o problema da Capoeira no Rio de Janeiro da parte do próprio Chefe do Governo, Marechal Deodoro da Fonseca. Sampaio a princípio diz “tratar-se de um problema difícil, pois havia muitos filhos de famílias distintas e poderosas que faziam uso da mesma” (Abranches, 1907, p. 171), todavia, Deodoro lhe conferiu garantias pessoais para agir com “carta branca” no sentido de exterminar os capoeiras. À vista disto, ficou decidido que “todos os capoeiras, sem distinção de classe e posição, seriam encerrados no xadrez comum da detenção, tratados ai severamente e pouco a pouco deportados para o presídio de Fernando de Noronha, onde ficariam certo tempo, empregados em serviços forçados” (Góis Jr, 2000, p. 171).

De posse, então, desta missão, Sampaio Ferraz de imediato deu início a esta empreitada, contando com o apoio de outros capoeiristas, ente eles Silva Jardim, Lopes Trovão, Coelho Neto e Plácido de Abreu. Entretanto, conforme havia previsto, “os mais perigosos chefes de malta de capoeiragem eram filhos de famílias ilustres e até de titulares, de almirantes e de altos funcionários do Paço” (Góis Jr, 2000, p. 171), os quais foram igualmente presos e deportados para o Arquipélago de Fernando de Noronha.

O Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil, instituído pelo Decreto 847 em 11 de outubro de 1.890 e que esteve em vigor até meados da década de 1.960, deu em seu Capítulo XIII tratamento específico ao assunto, intitulado: “Dos Vadios⁴ e Capoe-

2. Alusão à inserção do céu estrelado na bandeira do Brasil, com a configuração da noite da Proclamação da República.

3. Esta afirmação se dá em função de que nem todos os que praticavam a Capoeira se encontravam no mundo do crime. Havia aqueles que a praticavam como um método ginástico, esportivo, promotor da saúde e da qualidade de vida.

4. É comum aos habitantes do norte de Portugal trocarem o “v” pelo “b”. Ainda hoje da palavra “badios” pronunciada por “vadios” designa negros das ilhas da costa africana. Esta legislação não se referia aos “negros africanos” que estavam ociosos e aos capoeiras.

eiras”, nos artigos que se seguem: “Art. 402 – Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação de capoeiragem: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal; Pena – De prisão celular de dois a seis meses. A penalidade é do art. 98. Parágrafo Único – É considerada circunstância agravante pertencer o Capoeira a alguma banda ou malta. Aos chefes se imporá pena em dobro Art. 403 – No caso de reincidência será aplicada ao Capoeira, no grau máximo a pena do art. 400. Parágrafo Único – Se for estrangeiro, será deportado depois de cumprida a pena. Art. 404 – Se nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, perturbar a ordem, a tranqüilidade ou segurança pública ou for encontrada com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes”.

De 15 de novembro de 1.889 a 13 de janeiro de 1.890 foram presos pelo menos 110 capoeiras. Este número pode parecer pequeno, no entanto, em números relativos, se formos comparar o índice demográfico da Cidade do Rio de Janeiro, na época, com o da atualidade, bem como o das capacidades dos presídios, este número poderia corresponder a milhares de presos, o que implicaria a construção de vários presídios específicos somente para abrigar os capoeiristas. Isto nos dá uma idéia do grau de repressão contra a mesma.

Segundo Bretas (1989, p. 56-64), os registros da Casa de Detenção do Rio de Janeiro acusaram a prisão de 110 capoeiras. Deste total, 32,7%

eram brancos, 30% eram negros, e 37,3%, outras etnias. Segundo o nascimento, 18,1% eram estrangeiros, 4,5% não-identificados e os demais, brasileiros. Deste total, todos tinham profissão definida, com exceção a 02, que não foram qualificados. Outrossim, que suas idades variavam de 18 a 41 anos.

Segundo o depoimento da historiadora Marieta Borges Lins e Silva⁵, “muitos deportados foram registrados com nomes trocados propositadamente e jamais conseguiram sair do arquipélago”.

No que tange ao problema da miscigenação, a questão se dava não somente no aspecto biológico, mas também no cultural, na medida em que determinados hábitos

considerados como resultantes da matriz africana eram repassados para toda a sociedade e, desta forma, igualmente condenáveis, principalmente porque também atingiam os adolescentes.

As discussões sobre a questão étnica e sobre o futuro do Brasil continuavam a ocupar lugar central nas discussões dos intelectuais, jornalistas e governantes. “Como o Brasil é condenado pelos estrangeiros à barbárie, o país é mal visto. Então começamos a exaltar um nacionalismo defensivo em relação aos europeus. Em vez de aceitarmos as críticas aos brasileiros, por que não criticarmos a cultura européia, criando uma cultura genuinamente brasileira?” (Góis Jr, 2000, p. 78).

Gráfico 1. Percentual de prisões de capoeiras na Casa de Detenção do Rio de Janeiro, período novembro de 1889 a janeiro de 1890, segundo etnia

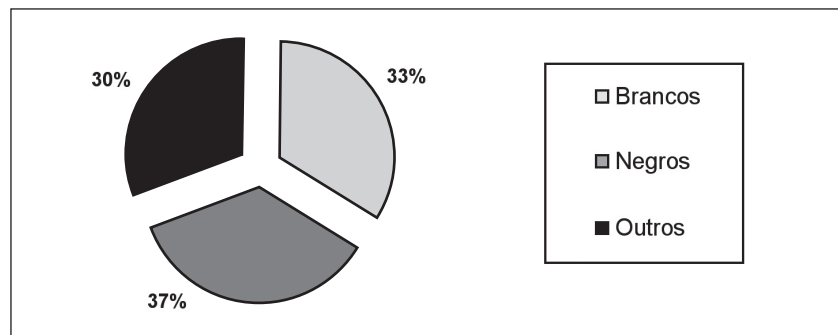
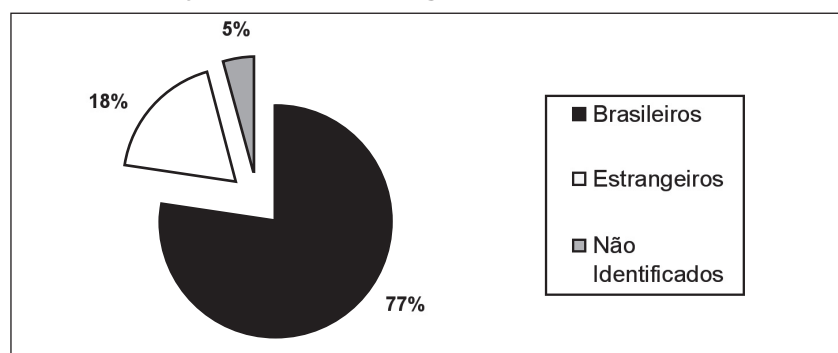


Gráfico 2. Percentual de prisões de capoeiras na Casa de Detenção do Rio de Janeiro, período novembro de 1889 a janeiro de 1890, segundo nacionalidade



5. Maior especialista na História de Fernando de Noronha.

O movimento higienista, a saúde pública e as ginásticas nacionais

Em posicionamento contrário à postura pessimista em relação ao futuro do Brasil, mantida por alguns intelectuais da época, dentre eles Euclides da Cunha, que “classificou a cultura brasileira como sendo de empréstimo” (Góis Jr, 2000, p. 78), apareceram no cenário nacional os higienistas, um grupo de pensadores que entendiam que se havia um determinismo biológico negativo em relação à miscigenação, a única saída para o Brasil seria por meio da promoção da Educação e da Saúde Pública.

No entender dos higienistas, não havia fundamentação científica para se determinar o futuro de uma nação simplesmente pelo determinismo biológico, constituindo isto um grande equívoco. Na realidade, as pessoas eram frutos do meio em que viviam, sendo assim, seria necessária uma intervenção governamental para que pudéssemos obter uma melhoria das qualidades psíquicas do povo brasileiro.

Desta forma, a corrente higienista ganhou força no seio positivista que dominava o novel poder republicano. Era necessária uma ação que pudesse, por meio da educação, fornecer mudanças nas condições do povo, uma vez que as hereditárias implicavam desvantagem ante outras nações.

O povo, abandonado, estava entregue às doenças em virtude da inércia dos governos. Faltavam estudos climáticos e sobre as condições saudáveis de vida em nosso meio, assim como uma ação capaz

de resolver os problemas da escassez e impropriedade dos alimentos. Buscava-se, então, a intervenção do Estado, por meio da garantia dos direitos constitucionais à população brasileira, estabelecidos a partir da Educação e da Saúde, o que implicou a estruturação de escolas, a democratização do ensino, a educação para o trabalho, a Educação Higiénica e a Educação Física.

Entendiam os higienistas que a Educação Integral englobava os sentidos: moral, físico, intelectual e era um direito da criança e uma obrigação dos educadores. Para eles, “a superioridade ethnica de um povo é uma equação entre os elementos de sua formação e as condições históricas que sobre eles actuaram” (Góis Jr, 2000, p. 97).

A partir da questão da Educação Integral, abriu-se, também, um espaço para que os defensores da Educação Física se apropriassem deste discurso.

Após diversas pesquisas para se chegar a um método ginástico, estabeleceram-se dois grupos, um que recomendava as práticas esportivas, dos quais podemos destacar o Barão Pierre de Coubertain⁶, e outro, de Georges Demeny, que optava pela Ginástica, sendo escolhido tal método que seria denominado como Ginástica Francesa. Demeny foi também incumbido de criar um Curso de Educação Física, pioneiro na França, e que foi estabelecido na Escola Joinville-le-Pont.

Destacaram-se, também na Europa, outros pioneiros dos métodos ginásticos, a saber: D. Francisco Amorós y Ondeano⁷, Per Henrik Ling⁸, Johan Guts Muths⁹, Géorges Hébert¹⁰, Thomas Arnold¹¹

e Robert Baden-Powell¹², cujos modelos de organização esportiva acabaram sendo exportados para todo o mundo, pois os métodos ginásticos francês, alemão, sueco e inglês buscavam, em sínartigo, o desenvolvimento dos valores morais e da aptidão física por meio de exercícios e atividades rítmicas.

Por meio do positivismo podemos destacar os discursos de Rui Barbosa, em seu parecer sobre a reforma da instrução primária de 1882 e em 1890, quando foi criada a Secretaria de Negócios da Instrução Pública. O método ginástico adotado pelo Império, e nos primeiros anos da República foi o Alemão. A partir de 1910, inicia-se oficialmente o emprego do Método Francês, que vigorava na Escola de *Joinville-le-Pont*.

Célebres foram os discursos que elogiavam os métodos ginásticos estrangeiros, que já se manifestavam em suas diferentes formas. Registrou-se, porém, na época, uma forte tendência em buscar um método brasileiro de ginástica. Na realidade, há muito se buscava um método nacional.

Esta situação marcou a disputa de poder entre os positivistas e os intelectuais nativistas que representavam a vanguarda entre os educadores físicos brasileiros. Neste bojo, estariam em disputa três correntes de pensamentos:

- **Conservadores** – defensores da implantação de um método ginástico estrangeiro para melhorar a imagem do Brasil perante os países europeus, adotando suas culturas;
- **Nacionalistas** – defendiam a necessidade do desenvolvi-

6. Introdutor dos Jogos Olímpicos da modernidade.

7. Precursor da Ginástica Francesa.

8. Precursor da Ginástica Sueca.

9. Consolidou a Ginástica Alemã.

10. Precursor da Ginástica Natural.

11. Precursor do Método Ginástico Inglês.

12. Criou o escotismo. Defendia a Educação Física e os exercícios como naturais aos homens e mulheres.

mento de um método científico nacional criado por nossos intelectuais e fisiologistas. Mantinham um nacionalismo defensivo, uma vez que os europeus já haviam condenado o país à barbárie;

- **Vanguardistas** – entendiam que não haveria a necessidade de tal desenvolvimento, pois já tínhamos a Capoeira, que poderia ser reaproveitada, desde que higienizada de seus atos criminosos e marginais e transformada em uma modalidade esportiva, ou seja, num método ginástico nacional.

Doravante a Educação Física passou a ser atrelada a uma série de projetos governamentais, sempre em função das concepções de saúde que ocorreram a cada época, de governo em governo. Se num primeiro momento foi utilizada pelos positivistas e higienistas na Primeira República, passou a atender aos objetivos eugenistas no Estado Novo, passando pelos interesses da segurança nacional e da saúde coletiva nos pós-guerra e no regime militar. Atualmente regulamentada pela Lei Federal 9696/98, mantém-se entre a socialização e inclusão social na escola e a reprodução do capital no âmbito da atividade física e saúde.

O surgimento da ginástica nacional brasileira (capoeira)

Por força de tal circunstância, a Capoeira acabou sendo submetida a um processo de esportivização, advindo de influências da Europa do século XIX, que atuaram tanto sobre a Educação quanto sobre a

Educação Física e que a ela estabeleceram procedimentos ginásticos de melhoria da *performance* física e do desenvolvimento moral¹³. A esta nova forma que se configuraria a Capoeira, tomaria expressão também influências da Inglaterra, cujo modelo de organização desportiva tinha dois alicerces de sustentação, a saber: o “associativismo”¹⁴ e o “*fair play*”¹⁵, os quais foram adotados em praticamente todos os países do mundo.

Embora as influências estrangeiras relativas aos esportes e ginásticas fossem fortes e contássemos também com aqueles que buscavam desenvolver cientificamente um método ginástico nacional, surgiram, no final do século XIX, intelectuais de vanguarda, que passaram a publicar artigos e crônicas, defendendo a idéia de que a Capoeira já preenchia estes requisitos, por ser a “luta nacional”¹⁶, podendo ser transformada numa salutar prática esportiva, tal como outros povos tinham suas lutas, tais como o Japão o Jiu-Jítsu, a Inglaterra o Boxe, a França o Savate, entre outras, mas “para isto era necessário apagar seu passado de crimes e de violência, eliminar a navalha do seu meio, e prestigiar os ases em detrimento do ‘povo baixo’” (Soares, 1994, p. 12). Destacam-se neste cenário Machado de Assis, Plácido de Abreu, Silvio Romero, Aloísio de Azevedo, Mello Moraes Filho, Luís Edmundo, Manoel Antonio de Almeida, Lima Barreto, Silva Jardim, Lopes Trovão e Coelho Neto.

Tais autores posicionavam-se como valorizadores da miscigenada cultura nacional, porém entendiam que a Capoeira deveria ser saneada e reaproveitada culturalmente

como uma prática desportiva institucionalizada. Isto é, liberta dos atos criminosos gerados pelas maltas ou indivíduos que a utilizavam para a prática de atos considerados ilegais, ou seja, um Esporte Nacional para um Estado Nacional. Em outras palavras, uma capoeira civilizada a partir de sua matriz étnica européia, capaz de causar “alterações nos sistemas adaptativo, associativo e ideológico decorrentes do impacto das revoluções tecnológicas sobre as sociedades, estruturando-se em sucessivas formações sócio-culturais” (Ribeiro, 1994, p. 12), da mesma forma que as Ginásticas Nacionais surgidas na Europa. Coelho Neto vai ainda mais longe: “ele celebra a Capoeira como a verdadeira Educação Física do Brasil, que deve ser ensinada nas escolas, quartéis, lares, em quaisquer lugares onde a instrução seja importante” (Soares, 1994, p. 12).

É extremamente rico este processo da Capoeira. Recusada como “Ginástica Nacional” pelos positivistas conservadores, enaltecida como tal pelos vanguardistas, com suas visões culturalistas, defendida entretanto como uma “Luta Nacional” pelos nacionalistas, mas recusada por ambos como um “Folclore”, entretanto buscada como um “Desporto” pelos saneadores da sociedade, acabou se transformando num “Jogo”, que, por sua vez, iria sintetizar todas as suas dialéticas. “A vida social reveste-se de formas suprabiológicas, que lhe conferem uma dignidade superior sob a forma de jogo, e é através deste último que a sociedade exprime sua interpretação da vida e do mundo” (Huizinga, 2001, p. 53). Para se entender esta espetacular

13. Os principais textos desportivos da Capoeira até 1928 vinham carregados de um forte componente de Educação Moral e de desenvolvimento de procedimentos éticos.

14. O associativismo se tornou uma forma de organização geradora das atuais federações e confederações desportivas.

15. O *fair play* engloba o conceito de jogo limpo, jogo honrado e cordial.

16. O conceito de ginástica passa a ser confundido com o conceito de esporte.

acomodação, temos que entender que qualquer jogo é formado por quatro componentes:

- **Aventura** – sensação advinda da descoberta de novas possibilidades;
- **Competição** – disputa entre indivíduos ou grupos;
- **Vertigem** – sensação de êxtase advinda do triunfar. É a sensação de prazer por uma conquista;
- **Fantasia** – é o imaginar-se diferente, superior e de transpor a imanência.

Outras ações se seguiram neste sentido. Em 1907, surge, no Rio de Janeiro, um opúsculo apócrifo, denominado “O Guia do Capoeira ou Gymnástica Nacional”¹⁷. Este livreto continha a seguinte introdução: “Actualmente, o capoeira é representado pelo desgraçado vagabundo, trouxa, cachaça, gattuno, faquista ou navalhista, conhecido por alcunha que lhe garante a mor facilidade de entrada nos xadrezes policiaes! Assim é que o maior insulto para inutilizar um jovem é chamá-lo capoeira. Foi sem dúvida nosso empenho, levantar a Gymnastica Brasileira do abatimento em que jaez, nivelando-a como singularidade pátria, ao socco inglez à savatta francesa à lueta allemã, às corridas e jogos tão decantados em outros paízes. Nossa briosa mocidade hoje desconhece pela mor parte, os trabalhos e termos da arte antiga, e por isso nos resolvemos publicar o presente guia” (Guia do capoeira ou gymnastica brasileira, 1907, p. 2-3).

Tal trabalho continha uma proposta de institucionalização da mesma, em um esporte nacional, entendido como uma Ginástica Brasileira. Este folheto, dedicado à distinta mocidade, foi dividido

em cinco partes: I- Posições; II- Ne- gaças; III- Pancadas Simples; IV- Defesas Relativas e V- Pancadas Afiançadas.

Os eixos organizadores da capoeira

O primeiro eixo organizador da Capoeira surgiu no Rio de Janeiro, logo após a Proclamação da República. No entanto, foi somente em 1928 que o mesmo foi estruturado. Seu precursor é Annibal Burlamaqui, conhecido pelo nome de Zuma, o qual elaborou a primeira Codificação Desportiva da Capoeira, sob o título de “Gymnastica Nacional (Capoeiragem) Methodizada e Regrada”. Sua obra impressiona até hoje os Profissionais de Educação Física, justamente pelo vanguardismo que encerra. A mesma foi dividida em cinco partes: I- História; II- considerações sobre os Sports; III- Methodos e Regras; IV- Os Golpes e os Contra-Golpes; V- Exercícios e Requisitos para a Aprendizagem da Gymnastica Nacional.

Este trabalho, que englobou dois conceitos distintos para a Capoeira, o da “Luta” e o da “Ginástica”, foi prefaciado em 1927 pelo advogado Mário Santos. Apresentava como inovação a área de competição, estabelecida em um círculo de 2,0 m de raio, critérios de arbitragem, de empate e de desempate, uniforme pugilístico, uma relação de 28 golpes, sendo três deles de autoria do próprio autor, uma posição base, a ginga, e o que é mais importante, um processo pedagógico de todos os movimentos, descritos e ilustrados, contendo as estratégias de contragolpes e uma relação de exercícios de aquecimento e de treinamento para uma rápida adaptação da população lei-

ga aos padrões de movimentos da capoeiragem.

A necessidade do estabelecimento de uma legislação desportiva era uma exigência que vinha do exterior, em especial do Comitê Olímpico Internacional. Deste modo, surgiu, em 14 de abril de 1941, pelo Presidente Getúlio Vargas, o Decreto Federal 3.199, que regulamentava as práticas desportivas e dava outras considerações. Esta legislação organizou as Confederações Brasileiras segundo suas áreas específicas¹⁸. A Capoeira, entendida como luta, passou a integrar, também, desde sua fundação, a Confederação Brasileira de Pugilismo – CBP, por meio do Departamento Nacional de Luta Brasileira. Este foi o primeiro reconhecimento oficial da Capoeira como uma prática desportiva.

Com este processo civilizador, a “Luta Brasileira” passou a estar atrelada aos dispositivos legislativos que, como vimos, foram vitais para esta legitimação, os trabalhos desenvolvidos por Burlamaqui. Sua importância para este processo não pararia por aí. Burlamaqui ainda exerceu grande influência num dos mais profícuos professores de Educação Física do Brasil, o Prof. Inezil Penna Marinho, que em 1945 publica a obra “Subsídios para o Estudo da Metodologia do Treinamento da Capoeiragem”, elaborada a partir de um trabalho científico que no ano anterior fora premiada em 1º lugar no Concurso Nacional de Monografias do Ministério da Educação e Saúde. Em sua página dedicatória encontramos o seguinte: “Dedicamos este pequeno trabalho aos capoeiras do Brasil, entre os quais Agenor Sampaio (o velho Sinhozinho) e Annibal Burlamaqui

17. Este opúsculo trouxe as siglas “O. D. C.” Muitos pensaram se tratar das siglas do autor. Na realidade, as siglas das palavras: ofereço, dedico e consagro, utilizadas na época. Este livreto foi oferecido à distinta mocidade.

18. Este Decreto fundou as Confederações Brasileiras de: Desportos, Basquetebol, Pugilismo, Vela e Motor, Esgrima e Xadrez. Observe-se que o Futebol ainda não havia adquirido o status que hoje goza, sendo assim, integrado à Confederação Brasileira de Desportos.

(Zuma), que tanto têm trabalhado para que a capoeiragem não desapareça” (Marinho, 1945, p. 5).

Em 1953, o governo federal expediu a Deliberação 071 do Conselho Nacional de Desportos – CND, órgão do Ministério da Educação e Saúde Pública. Esta medida, que tinha como objetivo exercer um controle sobre o cidadão que praticava atividades esportivas, em especial as Artes Marciais, enquadrando a Capoeira nesta categoria, determinava o cadastramento de todos os seus praticantes e sua comunicação aos órgãos governamentais. Esta medida, a despeito da sua natureza, caracterizou o segundo reconhecimento da Capoeira como uma modalidade desportiva.

Outros trabalhos surgiram enfocando a Capoeira como uma Luta Brasileira. Consideramos, também, neste particular, como um marco na popularização desta modalidade, o livro “Capoeira sem Mestre”, de autoria de outro grande expoente da Educação Física no Brasil, o Prof. Dr. Lamartine Pereira da Costa¹⁹, publicado na década de 60. Tal obra representou também um avanço da modalidade junto às universidades, que passaram, então, a elaborar pesquisas científicas sobre o assunto, em diversos campos do saber.

Ainda sob a influência governamental, a Confederação Brasileira de Pugilismo, em parceria com a Força Aérea Brasileira, realizou dois Simpósios Nacionais de Capoeira, um em 1967 e outro em 1969.

Novamente em 1972, a Capoeira obteve por parte do Conselho Nacional de Desportos – CND seu terceiro reconhecimento como prática desportiva. Este último ato

teve como conseqüência a organização de diversas Federações Estaduais especializadas nesta modalidade²⁰. O primeiro estado a ter uma Federação foi São Paulo, seguido do Rio de Janeiro, e, mais tarde, da Bahia, Paraná, Minas Gerais e Sergipe.

Ainda sob a égide da Confederação Brasileira de Pugilismo, foram organizados seis Campeonatos Brasileiros, o que implicava a realização prévia de Campeonatos Estaduais. Para que isto ocorresse, era necessário o estabelecimento de regras competitivas, bem como a qualificação de técnicos e de árbitros estaduais e nacionais, ou seja, uma padronização técnica.

Há que se enfatizar que os grandes avanços que o Brasil obteve no transcorrer do século XX, nos campos da Educação Física e dos Desportos, foram devidos à ação dos militares²¹. Naquela época, a Educação Física Escolar se preocupava com a aptidão física e a saúde coletiva.

O Prof. Inezil Penna Marinho ainda continuava suas ações em prol da Capoeira, tornando-se um dos maiores expoentes em defesa da “Ginástica Brasileira”, proposta originalmente por Burlamaqui. Ele apresentou seu projeto, de mesmo nome, já como LivreDocente da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1981, no Congresso Mundial da Associação Internacional das Escolas Superiores de Educação Física, inaugurando a projeção educacional e desportiva da Capoeira em âmbito internacional.

Sob a direção da Confederação Brasileira de Pugilismo, que abran-

geu o período de 1941 a 1992, ou seja, mais de cinquenta anos, a Capoeira passou por um verdadeiro laboratório de prática desportiva. Tal enquadramento, apesar de gerar conflitos, representou um avanço em sua organização institucional, absolutamente necessária para sua representatividade. Porém, o enfoque da Capoeira apenas como luta criava um esvaziamento que não interessava aos dirigentes nem aos capoeiristas.

Assim, em 1992, inicia-se um movimento nacional visando ao desmembramento da Confederação Brasileira de Pugilismo²², do Departamento Nacional de Luta Brasileira: Capoeira, bem como dos respectivos Departamentos Estaduais, para a organização de uma entidade específica de Capoeira, o qual obteve o apoio do então Presidente Joani Antonio Palmeira, que na época presidia o Pugilismo.

Este movimento tinha por finalidade a fundação da Confederação Brasileira de Capoeira, objetivo este esperado por muitas lideranças, e concretizado no Rio de Janeiro em 23 de outubro de 1992. Tal entidade teve por missão a reorganização técnica, cultural desportiva, administrativa e educacional da modalidade, tendo como diretriz o estudo, a difusão e a aplicação das tradições e rituais que estavam sendo esquecidos, cujos conteúdos eram discutidos em Congressos Nacionais, buscando, assim, uma legitimidade para este processo.

Estas ações acabaram culminando, por meio de processos transnacionais e supranacionais, na organização da Capoeira, de forma desportiva, em dezenas de países, sob a esfera de atuação da Fede-

19. O Dr. Lamartine Pereira da Costa, um renomado estudioso dos esportes e das atividades físicas, continuaria prestando relevantes trabalhos também em prol da Capoeira, destacando-se a inclusão da modalidade no Atlas dos Esportes, uma obra histórico-geográfica e situacional das modalidades esportivas existentes no Brasil.

20. Até então, a Capoeira, como as demais lutas e artes marciais, se organizava nas Federações Estaduais de Pugilismo.

21. A ação dos militares no campo da Educação Física e desportos somente declinou após a abertura política do Presidente João Batista Figueiredo, em 1986.

22. Esta permissão era necessária, pois sem o interesse da Presidência da referida Confederação não poderia haver o desmembramento dos Departamentos Estaduais de Luta Brasileira e nem do Departamento Nacional.

ração Internacional de Capoeira – FICA, a quem cabe coordenar a modalidade em âmbito mundial e que busca seu reconhecimento pelo Comitê Olímpico Internacional, sendo que, para isto, busca implantar valores do chamado espírito olímpico nas atividades desportivas, ao passo em que amplia um modelo de gestão da Capoeira.

O Método de Zuma, como vimos, tinha o nome de “Ginástica Nacional” e deu origem à “Luta Brasileira”. Embora sejam diferentes os conceitos de “Ginástica” e de “Luta”, ocorre que ambas provinham da mesma orientação: civilizar e difundir a Capoeira. Manoel dos Reis Machado, conhecido como Mestre Bimba, utilizou-se deste método e fez uso da legislação de sua época, ao registrar sua academia na Inspeção do Ensino Secundário e Profissional da Secretaria da Educação, Saúde e Assistência Pública, do Estado da Bahia, obtendo, em 9 de julho de 1937, o Alvará n. 111 (Rego, 1968, p. 282-283), para o funcionamento de sua academia como Curso de Educação Física, sob o nome de “Centro de Cultura Física e Luta Regional”. Ou seja, a Capoeira, que na década anterior já estava liberada pela polícia no Rio de Janeiro sob o nome de “Luta Brasileira”, agora estava registrada em Salvador sob o nome de “Luta Regional”. Desta forma um modelo desportivo nacional fora registrado por Bimba como sendo regional. Iniciou-se, a partir de então, grandes desentendimentos sobre ela.

Este fato foi registrado no Jornal Diário da Bahia, na sua edição de 13 de março de 1936, na matéria: “Título Máximo da Capoei-

ragem Bahiana”, em que Bimba dá uma longa entrevista acerca de seus desafios públicos na divulgação da chamada Luta Regional, da qual destacamos o seguinte trecho: “[...] falando sobre o actual movimento d’aquela ramo de luta, genuinamente nacional uma vez que difere bastante da Capoeira d’angola, o conhecido Campeão (Bimba) referindo-se a uma nota divulgada por um confrade matutino em que aparecia a figura do Sr. Samuel de Souza. Do Bimba, de referência aos tópicos ouvimos: Ao som do berimbau não podem medir forças dois capoeiras que tentem a posse de uma faixa de campeão, e isto se poderá constatar em Centros mais adiantados, onde a Capoeira assume aspectos de sensação e cartaz. A Polícia regulamentará estas exhibições de capoeiras de acordo com a obra de Aníbal Burlamaqui (Zuma), editada em 1928 no Rio de Janeiro... Antes de deixar a nossa redação, Bimba apresentou-nos um seu discípulo Manoel Rozeno Sant’ana, que aproveitou para lançar de público um desafio ao Sr. Samuel de Souza para uma luta pelas normas traçadas pela direção do Parque Odeon, conforme se tem verificado” (Diário da Bahia, 1936).

Nesta reportagem existem alguns itens que merecem uma atenção mais detalhada:

- A confirmação da influência de Zuma no trabalho implantado por Mestre Bimba;
- O reconhecimento de Bimba ao trabalho de Zuma;
- A afirmação de Bimba que existiam Centros mais adiantados em Capoeira que a Bahia;

- O interesse de Bimba pela prática desportiva da “Luta Nacional”;
- A integração de seu discípulo nesta inovação²³;
- A adoção do regulamento de Zuma pela direção do Parque Odeon, onde se realizavam tais apresentações;
- A liberação pela polícia, daquela forma de luta já existente no Rio de Janeiro.

Como vimos, a chamada Capoeira Regional gerou uma grande celeuma entre os capoeiristas baianos. Afinal: aquilo era luta regional ou Capoeira? Era da região ou da África? Era Capoeira ou uma luta diferente? Era baiana ou carioca? Era de Bimba ou de Burlamaqui?

Estas inferências foram feitas em razão de fatores emocionais e políticos, não levando em conta os documentos históricos acerca da escravidão, ou seja, o senso comum prevaleceu neste processo organizacional, causando ainda mais dissidências. Os envolvidos neste movimento passaram a se autodenominar praticantes de “Capoeira Angola”, que, buscando uma nova identidade, que a diferenciasse daquela praticada por Bimba, encontrou o caminho da reafrikanização.

Este processo se inicia com os Mestres Daniel Noronha, Totonho Maré, Livino, Amorzinho e Raimundo Aberre, entre outros, que decidem organizar a primeira forma associativa da Capoeira Angola, a qual foi denominada Conjunto de Capoeira Angola Conceição da Praia, que depois teria a denominação de Centro Nacional de Capoeira de Origem Angola, o qual, segundo depoimento do Mestre Augusto

23. Embora na matéria não esteja citado o nome do discípulo, tende-se a acreditar que tenha sido seu primeiro discípulo Ciszando, o qual mantinha ligações com Aníbal Burlamaqui, fazendo a ligação entre ambos. Segundo pesquisas de Edison Nascimento, Ciszando viera estudar na Bahia, procedente do Ceará, onde seu pai, fazendeiro, tinha empregados coreanos, sendo que o próprio Ciszando era casado com uma coreana. Embora a este fato ainda tenhamos que realizar pesquisas mais intensas, existe uma coincidência muito grande neste fato, pois Mestre Bimba implantou um sistema de graduação de seus discípulos com as cores azul, vermelho, amarelo e branco, a qual era fornecida a partir de um lenço de seda que era dado ao discípulo, a cada nível que conquistava. Esta mesma semelhança se encontrava em uma luta coreana denominada Taekyon, a qual mantém também a mesma corporalidade da Capoeira, pois em seu gestual também aparece a ginga, porém em forma invertida, conforme era trabalhada por Aníbal Burlamaqui.

Januário Passos Silva, “teria sido formado entre 1945 e 1950”. Todavia, com a morte de Mestre Amorzinho, seu principal gestor, foi convidado para assumir esta liderança o Mestre Vicente Ferreira Pastinha. Este convite foi formulado por seu aluno Aberre, e se deu em função da projeção alcançada por Pastinha, homem letrado e de grande penetração social. No entanto, se tratava de uma associação informal e, portanto, sem nenhuma estrutura jurídica.

Em 1 de outubro de 1952, Pastinha organizou juridicamente com outros colaboradores esta associação, que passou a ser denominada como Centro Esportivo Capoeira Angola, institucionalizando-a e tornando-se seu Vice-Presidente.

No Estatuto Social da referida entidade, encontramos no Art. 3º, alínea “d” a seguinte condição: “manter intercâmbio social com todas as entidades esportivas do Estado e, se possível, do País”²⁴, e no Artigo 16, alínea “g”, o seguinte texto: “[...] todo sócio terá direito além de um estatuto e um regimento, também a gratificação eqüitativa de acordo com o produto da competição em que atuar, por deliberação da diretoria”²⁵.

Apesar do entendimento africano quanto à raiz histórica da Capoeira, que marcaria o “ser / fazer” de seus trabalhos, seus praticantes ainda entendiam que a Capoeira era uma modalidade esportiva de luta brasileira e que deveria ser ensinada em todas as escolas e quartéis.

Sobre este fato, temos de Mestre Pastinha, na versão original de seu próprio livro, a seguinte declaração: “A tendência atual é considerar a Capoeira Angola como a modalidade nacional de luta, o que honrosamente a coloca em posição privilegiada, valendo

como uma consagração definitiva desta modalidade esportiva” (Pastinha, 1964, p. 33). Esta afirmação de Pastinha era devido a sua crítica às inúmeras transformações que a Capoeira já começava a apresentar. Nela constatamos o interesse do referido Mestre em legitimá-la como um “Esporte Nacional”.

A chamada Regional acabou por se caracterizar num jogo mais objetivo, de resultados práticos e imediatos, em detrimento da elaboração minuciosa dos movimentos. A Angola, por outro lado, se constituiu num jogo de maior riqueza na construção dos movimentos, num diálogo corporal, estabelecido por meio de perguntas e respostas corporais e em que o que se prioriza não é a finalização imediata, mas sim as estratégias de ataque e defesa, associadas com estratégias corporais de atques cujos passos contêm uma simbologia própria.

Esta característica serviu para aprofundar neste tipo de jogo a fantasia, o que no futuro contribuiria para torná-la mais rica em expressões do que em movimentos de ataque e defesa. Desta fantasia derivaram outros sentimentos e entendimentos dos fatores de competição, de aventura e de vertigem. Em conseqüência, dentro dos princípios da chamada “corrupção do lúdico”, a fantasia derivaria na construção de uma realidade paralela, ou mesmo de uma transposição da realidade, cada qual se imaginando possuidor de uma supremacia sobre o outro jogador. Sendo assim, a Angola passou a incorporar novos arquétipos, os quais serão estudados mais adiante, e estereótipos, originando grande diferença de procedimentos entre a maioria de seus praticantes, que desenvolveram um sentido de religiosidade e de resistência étnica

mais apurada, em prejuízo da perda de suas práticas corporais, até então tradicionais.

A Capoeira Angola, que também nasceu de um processo de institucionalização desportiva, continuou a se ampliar pelas academias, algumas inclusive adentrando o Eixo Desportivo.

Considerações finais

Foi nosso entendimento que houve grande influência do positivismo e do higienismo e de seus ideais de saúde coletiva nos primórdios da Educação Física no Brasil, assim como na estruturação da Capoeira em nosso país. Tais concepções serviram para fixar em ambas um alicerce para o desenvolvimento de seus saberes e fazeres.

No caso da Educação Física, esta foi de imediato submetida aos interesses do Estado e utilizada, de início, por médicos sanitaristas e seus projetos de governo. Esta situação se deu por influências do período da construção dos Estados Nacionais, principalmente na Europa, os quais, de um modo geral, desenvolveram ginásticas nacionais com o intuito de melhorarem a qualidade de vida e a produtividade de seus cidadãos. No caso do Brasil, o movimento higienista carregou um certo racismo, servido para excluir ainda mais os afrodescendentes.

A Capoeira, por sua vez, higienizada social e culturalmente pelos mesmos ideais higienistas, transformou-se em uma modalidade desportiva a partir de 1890, sendo codificada por Annibal Burlamaqui a partir de 1928, dando origem ao seu eixo organizacional mais antigo. Esta desportivização resultou no surgimento de sua primeira dissidência, por meio da chamada Capoeira Regional e, posterior-

24. Estatuto Social do Centro Esportivo Capoeira Angola. Salvador 01/10/1952.

25. *Ibidem*.

mente, da Capoeira Angola, ambas disputando o centro das atenções enquanto práticas desportivas organizadas.

No que tange à Educação Física, expropriada ao longo de sua inserção social no Brasil, busca se firmar enquanto área da saúde, sem se descuidar de seu viés educacional, promotor da fixação escolar dos hábitos de saúde e da formação da pessoa saudavelmente ativa... Quanto ao seu futuro, caberá aos atuais profissionais refletir sobre

seu passado e seu presente, tentando encontrar significação em sua trajetória de modo a tornar mais legítimos seus compromettimentos e responsabilidades socioculturais em relação ao povo brasileiro.

Em ambas situações, tivemos os efeitos do processo civilizador, pelo qual, por meio das ações governamentais, mudaram-se procedimentos e culturas, as quais resultaram em nossa “contemporaneidade de séculos”. De certo, temos que contribuem para o es-

tabelecimento de uma cidadania verticalizada, por meio da qual o Estado ainda determina os direitos dos cidadãos, quando o ideal seria o estabelecimento de uma cidadania horizontal, na qual tais ações fossem repensadas pelos próprios cidadãos e suas concepções de saúde e de doença. Para o alcance desta estabilidade do Estado Nacional, um elevado custo social foi pago... E ainda continua sendo!

REFERÊNCIAS

- Abranches D. Actas e actos do Governo Provisório: cópias similares das reuniões secretas do Conselho de Ministros. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional; 1907.
- Abreu F. O ABC da capoeira Angola, os manuscritos do mestre Noronha. Brasília: CIDOCA; 1993.
- Abreu P. Os capoeiras. Rio de Janeiro: Tipographia Seraphim Alves de Brito; 1886.
- Anais da Biblioteca Nacional 1962; 82.
- Azevedo A. O cortiço. Rio de Janeiro: Tecnoprint; 1971.
- Bretas ML. Navalhas e capoeiras: uma outra queda. Ciência Hoje 1989 nov; 59.
- Diário da Bahia. Título máximo da capoeiragem bahiana. Diário da Bahia 13 mar 1936. capa.
- Elias N, Dunning E. Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica; 1995.
- Guia do capoeira ou gymnastica brasileira. Rio de Janeiro: Livraria Nacional; 1907. Apócrifo.
- Góis Jr. E. Os higienistas e a educação física: a história dos seus ideais [dissertação]. Rio de Janeiro: UGF – Mestrado em Educação Física; 2000.
- Huizinga J. Homo Ludens. São Paulo: Perspectiva; 2001.
- Lima H. Os capoeiras. Rev Semana 1925; 10 out: 42.
- Macedo JM. Memórias da Rua do Ouvidor. Rio de Janeiro: Perseverança; 1878.
- Marinho IP. Subsídios para o estudo da metodologia do treinamento da capoeiragem. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional; 1945.
- Moraes Filho AM. Festas e tradições populares no Brasil. Rio de Janeiro: Tecnoprint; 1999.
- Pastinha VF. Capoeira Angola. Salvador: Escola Gráfica N. Senhora do Loreto; 1964.
- Rego W. Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico. Salvador: Itapoá; 1968.
- Ribeiro D. O Processo civilizatório: etapas da evolução sociocultural. São Paulo: Cia das Letras; 1998.
- Soares CEL. A negregada instituição, os capoeiras no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: SMC/DGDIC; 1994.

*Recebido em 16 de maio de 2007
Versão atualizada em 14 de junho de 2007
Aprovado em 25 de julho de 2007*